

NOTAS SOBRE O LUTO



CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Tradução de Fernanda Abreu

COMPANHIA DAS LETRAS

À memória de
James Nwoye Adichie
1932-2020

1.

ERA MEU IRMÃO quem organizava da Inglaterra as chamadas dominicais de Zoom, nosso turbulento ritual de lockdown: dois de nós entravam de Lagos, outros três dos Estados Unidos, e meus pais, às vezes com muitos ecos e chiados, de Abba, a cidade de nossos antepassados no Sudfoeste da Nigéria. No dia 7 de junho lá estava meu pai, como de costume só com a testa aparecendo na tela, porque ele nunca sabia muito bem como segurar o telefone durante as chamadas de vídeo. “Mude um pouco a posição do telefone, pai”, dizia um de nós. Meu pai estava provocando meu irmão Okey por causa de um novo apelido, depois disse que não jantou porque tinha almoçado tarde, depois falou sobre o bilionário da cidade vizinha que queria confiscar as terras ancestrais da nossa aldeia. Não estava se sentindo muito bem e andava dormindo mal, mas não precisávamos nos preocupar. No dia 8 de junho, Okey foi visitá-lo em Abba e disse que ele parecia cansado. No dia 9, não me alonguei muito em nossa conversa para ele poder descansar. Ele riu baixinho quando fiz minha imitação brincalhona de um parente. “*Ka chi fo*”, disse. Boa-noite. Suas últimas palavras para mim. No dia 10 de junho, ele se foi. Meu irmão Chuks me ligou para avisar, e eu desmoronei.

2.

MINHA FILHA DE QUATRO ANOS diz que eu a assustei. Ela se ajoelha no chão para demonstrar e sobe e desce no ar o punho cerrado, e por sua imitação posso ver como eu estava: inteiramente fora de mim, aos gritos, dando murros no chão. A notícia é como um desenraizamento cruel. Ela me arranca do mundo que conheço desde a infância. E eu resisto: meu pai leu o jornal naquela tarde, brincou com Okey sobre fazer a barba antes da sua consulta com o nefrologista em Onitsha no dia seguinte, debateu o resultado dos exames feitos no hospital com minha irmã Ijeoma, que é médica... então como isso pode estar acontecendo? Mas lá está ele. Okey segura o celular acima do rosto de meu pai, e ele parece estar dormindo, o semblante em repouso belo e relaxado. Nossa chamada de Zoom é surreal, e nós só conseguimos chorar, chorar e chorar em diferentes partes do mundo, olhando incrédulos para um pai adorado que agora deita imóvel numa cama de hospital. Aconteceu poucos minutos antes da meia-noite, horário da Nigéria, com Okey ao seu lado e Chuks no viva-voz. Não paro de encarar meu pai. Não consigo respirar direito. Será isso o choque, quando o ar se transforma em cola? Minha irmã Uche diz que acaba de avisar por mensagem um amigo da família, e eu quase grito: “Não! Não conte para ninguém, porque se a gente contar vira

verdade”. Meu marido diz: “Respire devagar, tome, beba um pouco d’água”. O casaco que sempre uso em casa, meu uniforme de lockdown, está jogado no chão todo embolado. Mais tarde meu irmão Kene dirá, de brincadeira: “Tomara que você nunca receba nenhuma notícia devastadora em público, já que a sua reação ao choque é arrancar as próprias roupas”.

image

not

available

penso: *Diga logo, me diga de uma vez quem morreu agora. Foi a mamãe?*

image

not

available

5.

AS MENSAGENS CHEGAM AOS MONTES, e olho para elas como através de uma bruma. Essa daqui é para quem? “Sobre a perda do seu pai”, diz uma delas. Pai de quem? Minha irmã me encaminha a mensagem de uma amiga dela dizendo que meu pai era humilde apesar de todas as suas conquistas. Meus dedos começam a tremer e empurro o celular para longe. *Era* não, *é*. Surge um vídeo de pessoas se amontoando dentro da nossa casa para o *mgbalu*, para dar os pêsames, e minha vontade é enfiar a mão lá dentro e arrancá-las da nossa sala, onde minha mãe está acomodada no sofá numa pose plácida de viúva. Uma mesa está posicionada na sua frente como uma barreira, para manter o distanciamento social. Parentes e amigos já estão dizendo que é preciso fazer isso ou aquilo. É preciso deixar um livro de pêsames perto da porta, então minha irmã sai e compra um pedaço de renda branca para cobrir a mesa, e meu irmão compra um caderno de capa dura, e em pouco tempo as pessoas estão se curvando para escrever ali. Eu penso: *Voltem para casa! Por que estão indo à nossa casa escrever nesse caderno surreal? Como ousam tornar isso verdade?* Por algum motivo, essas pessoas bem-intencionadas viraram cúmplices. Sinto que estou respirando um ar contaminado pelas minhas próprias teorias da conspiração. Pontadas de

*image
not
available*

6.

O LUTO EXPÕE NOVAS camadas em mim, raspando escamas de meus olhos. Arrependo-me das minhas antigas certezas: *Você certamente deve vivenciar seu luto, falar a respeito, encará-lo, atravessá-lo.* As certezas arrogantes de alguém que ainda não o conhece. Já estive em luto antes, mas só agora toquei sua essência mais pura. Só agora aprendi, ao tatear em busca de seus limites porosos, que não há travessia possível. No centro desse turbilhão eu virei uma criadora de caixas, e dentro de suas paredes sólidas aprisiono meus pensamentos. Atarraxo minha mente com firmeza somente à sua rasa superfície. Não consigo pensar muito, não me atrevo a me aprofundar demais nos pensamentos, do contrário serei derrotada não apenas pela dor, mas por um niilismo acachapante, um ciclo de pensamentos do tipo que não adianta, de que adianta, nada adianta nada. Eu quero que haja um motivo, mesmo sem saber ainda de que isso consiste. Segundo Chuck, existe certa graça na negação, palavras que fico repetindo para mim mesma. Essa negação, essa recusa de olhar é um refúgio. É claro que fazer isso é também uma forma de luto, de modo que eu estou desvendo debaixo da sombra oblíqua do ver, mas imagine a catástrofe que seria um olhar direto e frontal. Muitas vezes há também a ânsia de sair correndo, correndo, a ânsia de se

*image
not
available*

8.

COMO EU AMAVA MUITO o meu pai, um amor arrebatador e terno, no fundo sempre temi esse dia. Apesar disso, embalada pela sua relativa boa saúde, pensei que tivéssemos tempo. Achei que ainda não fosse a hora. “Eu tinha tanta certeza de que papai chegaria aos noventa”, diz meu irmão Kene. Todos nós tínhamos. Talvez também pensássemos, de modo irracional, que a sua bondade e o fato de ele ser um homem tão decente fossem mantê-lo conosco até bem depois dos noventa. Mas será que eu pressentia uma verdade que também negava por completo? Será que o meu espírito sabia — o modo como a aflição cravou suas garras no meu estômago assim que eu soube que ele não estava bem; o fato de eu ter passado duas noites em claro; e a mortalha cada vez mais sombria a me encobrir, que eu não conseguia identificar nem afastar? Eu sou a Preocupada da Família, mas mesmo para mim foi extrema a forma como desejei desesperadamente que os aeroportos nigerianos estivessem abertos para poder pegar um voo até Lagos, depois até Asaba, e viajar uma hora de carro até minha cidade natal para ver meu pai com meus próprios olhos. Então eu sabia. Era tão próxima do meu pai que sabia sem querer saber, sem saber inteiramente o que sabia. Uma coisa dessas, temida durante tanto tempo, finalmente chega, e na